

# O HOMOEROTISMO N'A CORRESPONDÊNCIA DE FRADIQUE MENDES

Osmar Pereira Oliva<sup>1</sup>  
UNIMONTES

Por dentro de “Eros” e do “herói” passa o significado de falar, questionar, dizer. Por isso, Logos e Eros são inseparáveis. Por isso, também, é que em todos os seus tipos e níveis o amor é falante, discursante.

José Américo Motta Pessanha<sup>2</sup>

**P**ara poder falar de amor, sinto antes, uma necessidade maior de ouvir o amor falar de si mesmo. É preciso ouvir Platão, no *Banquete*, em *Fedro* ou em *Lísís*, conversar com seus leitores, mestres e discípulos sobre *Eros*. Platão não conseguia conceber *Eros* sem a sua íntima relação com *logos*. Os heróis, segundo ele, teriam nascido do amor de um deus com uma mortal ou de um mortal com uma deusa. Os heróis, desse hibridismo, constituíam-se, pois, como hábeis oradores e questionadores, daí a relação *eros/logos*.

Falar sobre o amor é, de certa forma, tentar nomear e capturar o objeto de desejo que é incessantemente perseguido pelos homens. O amor também se relaciona a essa falta constante. O discurso erótico busca preencher essa lacuna deixada pela cisão dos três gêneros de humanidade, como diz Aristófanes, no *Banquete*, referindo-se ao masculino, ao feminino, e ao andrógino, constituídos,

---

<sup>1</sup> Mestre em Literatura Brasileira (UFMG); doutorando em Literatura Comparada (UFMG), com projeto de pesquisa sobre o homoerotismo nas obras de Eça de Queirós; professor de Literatura Brasileira na UNIMONTES.

<sup>2</sup> CARDOSO, 1999.

respectivamente por duas partes masculinas, duas partes femininas e por uma parte masculina e outra feminina. Esses seres, tendo caído na *Hybris*, revoltando-se contra Zeus, seu criador, foram cindidas em duas partes iguais, que passaram a errar por destinos diferentes, como castigo pela sua desmedida. Daí resulta que o amor pode ser compreendido como o desejo de encontrar a outra parte, que se perdeu, após essa separação.

O amor se caracteriza por uma certa ânsia de completude que pode se realizar no encontro de duas mulheres, de dois homens ou de um homem e de uma mulher. José Américo Motta Pessanha nos diz que “se o amor é sempre amor de algo, é amor do que não se tem”.<sup>3</sup>

Aquele que olha o outro e o deseja, não deseja algo estranho, desconhecido, pois o objeto de admiração é como a fonte para Narciso, na qual o amante projeta a sua própria imagem, na tentativa de reencontrar a outra parte, outrora perdida.

O contato com o ser amado, normalmente, se dá através do olhar. O olhar substitui as mãos, pois com ele sentimos, tocamos e acariciamos o outro, despindo-o, imaginariamente, fazendo despertar a libido que há em nós e que, por algum motivo, não pode se liberar e se deixar nomear. Há, na sensualidade do olhar, um erotismo velado, mas que pode ser sentido, com a segurança de que não seremos percebidos por aqueles que são estranhos ao nosso gozo.

Diane Ackerman<sup>4</sup> nos diz que os olhos anseiam estar no mesmo lugar onde as mãos já estiveram quando éramos crianças e começávamos a perceber o mundo através do tato. Para ela, com o olhar, jogamos sem correr riscos; realizamos o ato de despir, revelar e penetrar, com o pensamento, apenas.

Há, em Platão, várias faces do amor. Uma delas, é amar com os olhos, com as impressões, incluindo, também, imagens daquilo que não é visto, apenas desejado, sentido. A outra, é amar com as

---

<sup>3</sup> PESSANHA, 1999. p.96.

<sup>4</sup> ACKERMAN, 1997. p.313.

palavras, como já indicamos anteriormente, ao relacionar *Eros* a *Logos*. O amor, então, pode ser manifesto através do olhar e das palavras. Quando olhamos, desejamos sentir, tocar, mesmo que isso se realize imaginariamente. Quando falamos, desejamos capturar a coisa e dar-lhe um nome, tentamos presentificar a ausência do objeto do nosso desejo e do nosso discurso, mesmo certos da incapacidade da linguagem de ocupar o lugar daquilo que ela tenta substituir.

O herói, segundo Platão, era, inevitavelmente, um eloqüente orador, um amante da fala, visto que era filho de um deus e de um mortal, como já dissemos. As palavras, bem urdidadas, tecem o tênue fio da sedução, assim como o olhar, e ambos seduzem, infalivelmente. Diane Ackerman nos diz que o erótico é um “jogo acrobático da imaginação. O oceano de lembranças no qual nos banhamos. A maneira como acariciamos e adoramos coisas com os olhos. Nossa vontade de deixar-nos excitar pela visão do voluptuoso”.<sup>5</sup>

Maria Rita Khel reafirma essa imagem da sedução como um jogo, arriscado e fascinante, “caçada silenciosa entre dois olhares; captura numa rede de palavras”. Perdido no labirinto tecido pelo sedutor, o seduzido procura analisar o processo de transformação que ocorreu consigo mesmo, sem entender o poder do olhar do sedutor, capaz de aprisionar e guiar o seduzido. Para Kehl “o seduzido é alguém que perde o rumo e tem que se guiar nas brumas de uma infância revisitada, pela bússola do olhar do sedutor.”<sup>6</sup>

Na *Correspondência de Fradique Mendes*,<sup>7</sup> a sedução passa por dois momentos sucessivos: o olhar sobre o corpo masculino e a fala excessiva sobre esse outro. O narrador é esse homem que caminha pelas trilhas da sedução, traçadas involuntariamente por Fradique Mendes, fazendo com que o narrador perca o rumo e o seu discurso desemboque no êxtase do falar demais, como liberação do desejo interdito, que não se deixa dizer por completo – desejo sem nome?

---

<sup>5</sup> ACKERMAN, 1997. p.314.

<sup>6</sup> KHEL, 1999. p.411.

<sup>7</sup> QUEIRÓS, 1923.

O narrador se deixa seduzir porque espera encontrar no outro aquilo que lhe é faltoso. Khel nos diz que o olhar do seduzido é “o olhar de Narciso, perplexo e maravilhado com a própria imagem de perfeição, imagem do desejo materno”.<sup>8</sup> No primeiro contato que o narrador da *Correspondência...* tem com o objeto do seu desejo, dá-nos a impressão antecipada de um certo homoerotismo, que vai se intensificando ao longo de toda a narrativa. Ele nos diz que Fradique “adiantou a mão sorrindo – mão delicada e branca onde vermelhava um rubi”.<sup>9</sup>

O olhar seduzido do narrador vai descrevendo detalhes do corpo de Fradique, de maneira excessivamente erótica:

Pude então, à vontade, contemplar o cinzelador das LAPIDÁRIAS, (...) O que me seduziu logo foi a sua esplêndida solidez, a sã e viril proporção dos membros rijos, o aspecto calmo de poderosa estabilidade com que parecia assentar na vida, tão livremente e tão firmemente como sobre aquele chão de ladrilhos onde pousavam os seus largos sapatos de verniz resplandecendo sob as polainas de linho.<sup>10</sup>

A partir de então, desse olhar que é lançado em direção ao corpo de Fradique Mendes, o narrador parece “perder o rumo” e, não se expondo de todo, não deixa de transparecer o seu enleio por esse objeto belo e sedutor. Diane Ackerman, comentando Platão, em relação ao ser amado, como um ideal romântico do parceiro perfeito, nos diz que “o profundo anseio que sentem pelo outro não parece ser o desejo de relação sexual com o parceiro, mas sim de algo mais, que evidentemente a alma de ambos deseja e não pode expressar, e do qual possui apenas um pressentimento obscuro e incerto”.<sup>11</sup>

---

<sup>8</sup> KHEL, 1999. p.414.

<sup>9</sup> QUEIRÓS, 1923. p.23.

<sup>10</sup> QUEIRÓS, 1923. p.24.

<sup>11</sup> ACKERMAN, 1997. p.133

Ainda que, em momento algum, seja possível afirmar que houve um relacionamento homossexual corporal entre o narrador e Fradique, o homoerotismo se faz presente, de forma um pouco velada, temendo explicitar-se. É mais um amor ao belo, ao viril, um culto da superfície do que um toque físico explícito. É um amor que não se deixa dizer por inteiro, calado em nome da repressão sexual, latente no final do século XIX.

O narrador vê em Fradique a apolínea imagem da perfeição, cuja pele, é “duma brancura Láctea e fresca”,<sup>12</sup> ressaltando seus lábios “que pela vermelhidão húmida e pela sinuosidade subtil pareciam igual e superiormente talhados para a Ironia e para o Amor”.<sup>13</sup> Além dessas descrições sucessivas, que evidenciam um olhar homoerotizado, o narrador também deixa implícita uma referência à homossexualidade praticada na Grécia antiga, como se comprova na seguinte passagem: “eu sentia naquele corpo a robustez tenra e ágil dum efebo, na infância do mundo grego”.<sup>14</sup> Não é demais ressaltar que, na Grécia antiga, o efebo era um rapaz que atingiu a puberdade e que devia ser entregue a um outro homem, mais culto e mais velho, para receber deste uma educação especial, incluindo a formação de caráter e o desenvolvimento da sexualidade.

No *Lisis*,<sup>15</sup> vemos Sócrates conversar com alguns jovens sobre o amor. Entre eles está Hipótales, que se encontra apaixonado pelo garoto Lísis, e que pede ajuda a Sócrates para conquistar esse jovem. Esse diálogo mostra a sedutora maiêutica do filósofo grego, procurando convencer Lísis a aceitar a corte de Hipótales. Ao final do diálogo, Sócrates insinua a Lísis que aceite a corte e os ensinamentos de Hipótales, pois “tornando-nos sábios, seremos amados”.<sup>16</sup>

---

<sup>12</sup> QUEIRÓS, 1923. p.24.

<sup>13</sup> QUEIRÓS, 1923. p.24.

<sup>14</sup> QUEIRÓS, 1923. p.25.

<sup>15</sup> PLATÃO, [s.d.].

<sup>16</sup> CARDOSO, 1999. p.87.

Assim como Hipótales se revela apaixonado pelo efebo Lísis, o narrador da *Correspondência...* deixa entrever, sutilmente, que se sente atraído, seduzido e “apaixonado” por Fradique Mendes.

Quando ocorre o primeiro encontro desses dois homens de papel, e que se deixam ficar a sós, Fradique retira-se do recinto onde está o narrador, para trocar de roupas. Ao retornar, o narrador nos relata que

Fradique voltara de dentro, vestido de uma cabaia chinesa! Cabaia de mandarim, de seda verde, bordada a flores de amendoeira, que me maravilhou e que me intimidou. Vi então que tinha o cabelo castanho-escuro, fino e levemente ondedado sobre a testa, mais polida e branca que os marfins da Normandia.<sup>17</sup>

Alfredo Bosi, no interessante ensaio sobre o olhar, realiza um breve estudo sobre o campo semântico dessa expressão, relacionando-a aos verbos *contemplar* (olhar religiosamente), *considerar* (olhar com maravilha), *respeitar* (olhar para trás) e *admirar* (olhar com encanto, movendo a alma até a soleira do objeto).

Na *Correspondência...*, o narrador se utiliza dessas expressões do olhar, ainda que de forma implícita, em algumas passagens. Ao contemplar Fradique, o narrador o adora também, associando-o a Apolo, pela Inteligência e pela perfeição dos traços físicos; ao considerar esse objeto, o narrador não só o olha maravilhado, como o toma por objeto de afeição; ao respeitar, o narrador olha para trás num exercício contra o esquecimento, procurando resgatar, através da memória, parte de sua vida em comunhão com Fradique; e, por último, ao admirar, o narrador “move a alma” até a soleira do objeto de desejo homoerotizado.

Segundo Bosi,

O olhar conhece sentindo (desejando ou temendo) e sente conhecendo. Está implantado na sensibilidade, na sexualidade: a sua raiz mais profunda é o inconsciente, a sua direção é atraída pelo ímã da intersubjetividade. O olhar condensa e projeta os estados e os

---

<sup>17</sup> QUEIRÓS, 1923. p.29.

movimentos da alma. Às vezes a expressão do olhar é tão poderosa e concentrada que vale por um ato.<sup>18</sup>

Se *olhar* está na mesma cadeia semântica de *desejar* e de *sentir*, podemos dizer que na *Correspondência...* o olhar realiza o ato de tocar e experimentar que não pôde ser concretizado pelo narrador, devido às proibições morais da época. Ao leitor, cabe a tarefa, não menos prazerosa do que a do narrador, de participar, também, desse olhar homoerotizado.

Referindo-se ao olhar de Fradique Mendes, o narrador nos diz que ele tinha

os olhos pequenos e negros, brilhantes como contas de ônix, duma penetração aguda, talvez insistente de mais, que perfurava, se enterrava sem esforço, como uma verruma de aço em madeira mole.<sup>19</sup>

O olhar de Fradique se assemelha ao órgão sexual masculino, metaforizando o ato sexual interdito, mas que não deixa de se fazer presente na cadeia semântica dos verbos – *penetrar*, *perfurar* e *enterrar*.

Tendo-se embriagado com o seu próprio discurso sobre o corpo do outro e alimentando esse olhar seduzido, homoerótico, o narrador passa a falar demais. O seu discurso volta-se, constantemente, para a descrição do corpo de Fradique Mendes, acentuando a sua perfeição física, associada à virilidade, vista à flor-da-pele: “Não sei se as mulheres o considerariam *belo*. Eu achei-o um varão magnífico – dominando sobretudo por uma graça clara que saía de toda a sua força máscula. Era o seu viço que deslumbrava.”<sup>20</sup>

José Américo Motta Pessanha nos diz que

Por outro lado, é também importante verificar que, do ponto de vista literário – mas com decisivas implicações filosóficas –, o texto do

---

<sup>18</sup> BOSI, 1999. p.78.

<sup>19</sup> QUEIRÓS, 1923. p.24.

<sup>20</sup> QUEIRÓS, 1923. p.25.

*Banquete* abriga grande variedade de recursos: diálogos, discursos, mitos, citações de poetas, provérbios, múltiplos estilos (as imitações ou pastiches dos diferentes estilos dos discursantes, a revelar diferentes psicologias ou mentalidades: uma das mais extraordinárias realizações do Platão filósofo-dramaturgo). Tudo isso não é mesmo indispensável para se falar de amor? O amor não exige ser dito com todos os recursos da linguagem, ele que, segundo o *Crátilo*, está intrínseca e subterraneamente ligado a todo falar, a todo dizer, a todo questionar? Do amor, afinal, o que podemos ter não são as muitas faces, as muitas falas?<sup>21</sup>

Na *Correspondência...*, o narrador é excessivamente “tagarela”. Primeiro, a obra se constitui de “memórias e notas” referentes a Fradique Mendes. O enredo se desenvolve a partir do exercício memorialístico do narrador, a fim de preservar do esquecimento a sua amizade com Fradique Mendes. Ao reconstituir os fatos mais importantes desse relacionamento, o narrador vai pontuando a narrativa de passagens que revelam esse olhar homoerotizado. Quando desconfia de que tenha falado demais, o narrador tenta convencer o leitor de que a amizade que existia entre ele e Fradique era meramente intelectual, como se comprova na seguinte passagem:

Dessa noite em Paris datou verdadeiramente a nossa intimidade intelectual – que em oito anos, sempre igual e sempre certa, não teve uma intermissão, nem uma sombra que lhe toldasse a pureza. Determinadamente lhe chamo *intelectual*, porque esta intimidade nunca passou além das coisas do espírito.<sup>22</sup>

Essa passagem parece ser o reconhecimento do narrador de que tenha perdido o rumo, nesse jogo de sedução, desencadeado pelo olhar, passando a falar demais, revelando, talvez, algum sentimento que não pode e não deve se manifestar.

*Eros* é assim. Um amor falante, excessivamente discursivo. O banquete, de Platão, é uma mera estratégia para reunir mestres e discípulos em torno do discurso sobre o amor. É o amor, em verdade,

---

<sup>21</sup> PESSANHA, 1999. p.90.

<sup>22</sup> QUEIRÓS, 1923. p.66.



o grande banquete, saboreado com avidez por aqueles que amam e que são amados. Amor mediado pela fala. Dessa forma, *Eros* se manifesta intimamente ligado a *logos*.

Para falar de Fradique, o narrador “escreve” uma biografia da vida dele, anotando ali as suas percepções do corpo e da forma de viver do objeto de desejo. Além da narrativa ser elaborada para reconstruir o que foi a vida de Fradique Mendes, o narrador ainda se esforça em “organizar” um apêndice de cartas escritas por Fradique a seus amigos. Com esses artifícios, o narrador provoca no leitor a impressão de que Fradique tenha vivido fora da realidade criada por Eça de Queirós, nessa narrativa.

Depois de ter perdido o controle da língua e falado excessivamente do corpo e da vida desse homem esplêndido, o narrador procura um meio de silenciar o seu desejo homoerótico. A primeira tentativa, como citamos anteriormente, é convencer o leitor de que o relacionamento entre eles não passava de uma amizade intelectual. A segunda tentativa, que relacionamos às interdições de *Eros*, tão recorrentes nas obras de Eça de Queirós, é a morte como punição para os amantes, em nome do controle moral que a sociedade ocidental procura impor sobre os homens.

Assim, para que a paixão do narrador por Fradique Mendes não se torne tão evidente, já que tenha falado demais desse outro homem, Eça opta por “matar” esse objeto de desejo, recalçando o homoerotismo, impedindo esse amor de dizer o seu nome, com todas as letras. Sem muitas explicações, o narrador nos diz apenas que

logo nessa noite, ao recolher, teve um longo e intenso arripio, e trinta horas depois, sem sofrimento, tão serenamente que durante algum tempo Smith o julgou adormecido, Fradique, como diziam os antigos, ‘tinha vivido’. Não acaba mais docemente um belo dia de verão.<sup>23</sup>

---

<sup>23</sup> QUEIRÓS, 1923. p.113.

## Referências Bibliográficas

- ACKERMAN, Diane. *Uma história do amor*. Trad. Terezinha Batista dos Santos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- BATAILLE, Georges. *L'érotisme*. Paris: Minuit, 1957.
- BARTHES, Roland. *Fragmentos de um discurso amoroso*. 4.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1984.
- BOSI, Alfredo. Fenomenologia do olhar. In: NOVAES, Adauto (Org.). *O Olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- BOUDRILLARD, Jean. *Da sedução*. Campinas: Papyrus, 1992.
- CARDOSO, Sérgio (Org.). *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- COSTA, J. F. Os amores que não se deixam dizer. In: *A inocência e o vício*. São Paulo: Relume/Dumará, 1992.
- HARTOG, François. *O espelho de Heródoto*. Ensaio sobre a representação do outro. Trad. Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.
- KHEL, Maria Rita. Masculino/feminino: O olhar da sedução. In: NOVAES, Adauto et al. (Org.). *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- MARCUSE, Herbert. *Eros e civilização*. 8.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- MEZAN, Renato. A medusa e o telescópio ou Verggasse 19. In: NOVAES, Adauto et al. (Org.). *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- NOVAES, Adauto. (Org.). *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- PÉCORA, Antônio Alcir Bernádez. O demônio mudo. In: NOVAES, Adauto et al (Org.). *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- PESSANHA, José Américo Motta. Platão: as várias faces do amor. In: CARDOSO, Sérgio. (Org.). *Os Sentidos da Paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

PLATÃO. Banquete, Fedro, Lisis. In: *Platão, diálogos*. São Paulo: Tecnoprint, [s.d.].

QUEIRÓS, Eça de. *A Correspondência de Fradique Mendes*. Lisboa: Chartron, 1923.

## Resumo

Partindo das relações entre *Eros* e *Logos*, estabelecidas por Platão em *O Banquete, Fedro e Lisis*, procuramos discutir, neste trabalho, o homoerotismo n' *A Correspondência de Fradique Mendes*, manifesto através do olhar seduzido do narrador pelo corpo masculino e de uma fala excessiva sobre o corpo de outro homem.

## Résumé

À partir des relations entre *Eros* e *Logos*, établis par Platão dans *O Banquete, Fedro et Lisis*, voulons discuter dans ce travail, l'homoérotisme dans *A Correspondência de Fradique Mendes*, évident à travers du regard séduisé du narrateur par le corps masculin et aussi d'un discours excessif sur un corps d'autre homme.